

Observatórios extremistas & fake news: imprensa e democracia sob ataque

Extremist observatories & fake news: press and democracy under attack

Fernando Oliveira Paulino

Universidade de Brasília | Campus Universitário Darcy Ribeiro, Faculdade de Comunicação Norte - Asa Norte, DF, Brasil
<https://orcid.org/0000-0003-0834-6359> · <https://orcid.org/0000-0002-4946-0513> · paulino@unb.br

Mariana Martins de Carvalho

Universidade de Brasília | Campus Universitário Darcy Ribeiro, Instituto Central de Ciências Norte - Asa Norte, DF, Brasil
<https://orcid.org/0000-0001-9220-960X> · marimartins.pe@gmail.com

Luma Poletti Dutra

Universidade de Brasília | Campus Universitário Darcy Ribeiro, Instituto Central de Ciências Norte - Asa Norte, DF, Brasil
<https://orcid.org/0000-0003-0834-6359> · lumadutra@gmail.com

Kariane Costa Silva de Oliveira

Universidade de Brasília | Campus Universitário Darcy Ribeiro, Instituto Central de Ciências Norte - Asa Norte, DF, Brasil
<https://orcid.org/0000-0001-8187-0320> · kariane.jornalista@gmail.com

Fechas: Recepción: 08/01/2022 · Aceptación: 31/05/2022 · Publicación final: 15/07/2022

Resumo

A partir de uma ótica onde se entende que Observatórios e Projetos de Crítica de Mídia contribuem para o fortalecimento da democracia e o exercício da cidadania, e tomando como inspiração a abordagem relacional entre democracia, desinformação e conceitos clássicos do jornalismo, este artigo tem como objetivo a análise desses elementos e como se conectam. Se espaços de crítica de mídia podem ser usados como instrumentos para o fortalecimento da democracia e o exercício da cidadania, então é preciso compreender que tipo de debate está sendo realizado nesses espaços. Nos últimos anos, surgiram iniciativas de observação midiática ligadas a ideologias de partidos de extrema direita. Esses espaços que flertam com autoritarismo e o fascismo acabam assumindo um papel de *Media Watch*, mesmo que não se reconheçam como canais de crítica de mídia. Estes ditos canais atuam como observatórios de prática. São sites, blogs e redes sociais, ligados a movimentos de extrema direita, nos quais os autores utilizam de conceitos clássicos do jornalismo para promover ataques à imprensa e à democracia. Cobram imparcialidade e até direito de resposta quando publicadas notícias falsas. Nesse contexto, as reflexões propostas podem indicar que o jornalismo deve assumir um lado, sem espaço para desinformação, principalmente quando as instituições democráticas estiverem em xeque. Ainda que exista todo um debate sobre qual democracia os meios defendem e o que se entende por democracia.

Palavras-chave: imprensa, democracia, fake news, observatórios, mídia.

Abstract

From a perspective where it is understood that Observatories and Media Criticism Projects contribute to the



strengthening of democracy and the exercise of citizenship, and taking as inspiration the relational approach between democracy, desinformation, classic concepts of journalism, this article aims to the analysis of these elements and how they connect. If spaces for media criticism can be used as instruments for strengthening democracy and exercising citizenship, then it is necessary to understand and analyze what kind of debate is taking place in those spaces. Within the scope of this reflection, based on observatories known as Social Movement Projects, we observe the emergence of initiatives linked to the ideologies of extreme right-wing parties. These spaces that flirt with authoritarianism and fascism end up taking on the role of Media Watch, even if they do not recognize themselves as channels of media criticism. These channels act as practice observatories. They are websites, blogs and social networks, linked to extreme right-wing movements, where authors end up using classic journalism concepts to promote attacks on the press and democracy. They demand impartiality and even the right of reply when fake news is published. In this context, the proposed reflections lead to paths that indicate that journalism must have a side when democratic institutions are in check. Even though there is a whole debate about which democracy the media defends and what is meant by democracy.

Keywords: *press, democracy, fake news, observatories, medias.*

1. Introdução

Ao longo das últimas décadas, observatórios e projetos de crítica de mídia vêm se consolidando como instrumentos para o fortalecimento da democracia e o exercício da cidadania através do importante papel de análise de um dos pilares do Estado Democrático de Direito: a imprensa. A pesquisadora Ivana Barreto (2020) aponta que os observatórios de mídia são agentes de incentivo à reflexão e à participação da sociedade, no sentido de uma democratização dos processos comunicacionais. “Em tempos tão difíceis (...) marcado pela disseminação de *fake news*, é fundamental (...) aprender a analisar o conteúdo que a mídia produz. O cidadão não pode receber passivamente sem reflexão crítica esse conteúdo e sem sobre ele refletir” (Barreto, 2020).

No entanto, na contramão de iniciativas que se enquadram no conceito acima, surgiram projetos de observatórios de mídia ligados a movimentos de extrema-direita que, inclusive, flertam, não ocasionalmente, com discursos autoritários. Esse fenômeno no Brasil parece acompanhar o movimento de ascensão da extrema-direita no mundo e que tem na comunicação, e mais precisamente nas tecnologias digitais de informação e comunicação que fazem uso da Internet, uma importante aliada.

Neste artigo, portanto, buscamos entender este movimento a partir da análise do *Mídia Sem Máscara*¹, que funciona como uma página na internet, como os grupos e sites alinhados à extrema-direita, que se dedicam a fazer análise, crítica e ataques à mídia. Dessa forma, buscamos também contribuir com o crescente debate sobre os limites da liberdade de expressão na era da desinformação.

Cabe contudo destacar que não objetivamos discutir a necessidade e a importância dos observatórios de crítica de mídia como instrumentos essenciais para a democracia e para o exercício da cidadania, visto que este tópico pode ser consultado em obras de pesquisadores(as) como Rebouças e Cunha (2010), Paulino, Oliveira, e Faria (2017), Christofolletti (2006), Albornoz, e Herschmann (2006),

1. Disponível em: <<http://www.midiasemmascara.net/>> Acesso em 20 fev. 2022.

que compõem uma extensa e fundamental bibliografia sobre a função dos observatórios. Aqui pretendemos entender e desvelar um outro uso que vem sendo feito deste instrumento buscando apontar para possíveis repercussões disso para a democracia contemporânea.

2. Metodologia

A partir de pesquisa bibliográfica conduzida preliminarmente, o presente artigo apresenta um estudo de caso do portal *Mídia sem Máscara*. Este referencial metodológico se caracteriza essencialmente por três aspectos: o particularismo, a descrição, a explicação e a indução (Duarte, 2012). Assim, o objeto examinado possui características únicas, no entanto, “esta unidade deve ser observada, mas não tem significado em si mesma. Ela só é significativa se um observador puder referenciá-la em uma característica analítica ou teórica” (Duarte, 2012, p. 218).

Assim, para dar conta de analisar este fenômeno, será utilizada a categorização de Observatórios de Mídia desenhada por Rebouças e Cunha (2010). Trata-se de um referencial apropriado para o estudo de eventos contemporâneos, cujo interesse não se esgota no caso em análise, mas sim no que ele sugere a respeito do todo.

Selecionamos textos publicados a partir do segundo ano de mandato do presidente Jair Bolsonaro, janeiro de 2020 a fevereiro de 2022. Buscamos textos publicados neste período nos quais a cobertura midiática de temas ligados ao cenário político nacional e internacional estivessem destacados em suas manchetes.

3. Observatórios de imprensa

O Movimento da Crítica da Mídia (*Media Criticism*) foi uma iniciativa que nasceu nos Estados Unidos, a partir da cobertura da Revolução Russa pelo jornal *The New York Times*. Walter Lippmann e Charles Mertz analisaram a atuação do jornal (1917-1923) e publicaram um artigo no jornal *The New Republic*. Bittencourt e Silva (2015) apontam que:

O raciocínio da dupla vinha do próprio entendimento do jornalismo como uma atividade crítica da sociedade: se a imprensa, a cada vez que publicava uma denúncia, precisava investigar e colher provas antes de publicar, a atividade crítica sobre o jornalismo deveria seguir a mesma trajetória, ou seja, investigar rigorosamente os procedimentos de produção das notícias. (Bittencourt & Silva, 2015, p. 8)

No Brasil, a prática ganhou força na década de 1990. Pioneiro, o jornalista Alberto Dines criou o *Observatório da Imprensa (OI)*, trabalho que nasceu no impresso e, anos mais tarde, passou a ter um formato digital², bem como a ser transmitido em rede via TV Cultura de São Paulo, TV Nacional e, posteriormente, a TV Brasil. O observatório sempre teve o objetivo de analisar criticamente o trabalho da imprensa brasileira e segue tendo um importante papel neste campo.

2. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/>> Acesso em 20 fev. 2022.

Para Montúfar (2011), observatórios de imprensa e projetos de monitoramentos de mídia têm sido usados como instrumentos para garantir o exercício da cidadania, o fortalecimento da liberdade de expressão e o direito à informação e à comunicação, além da defesa da democracia.

Los observatorios contribuyen a resaltar la importancia de la información de calidad para la democracia; la ampliación y democratización de la esfera pública; la participación ciudadana en la construcción de agendas públicas. En suma, los observatorios fortalecen una ciudadanía comunicativa³. (Montúfar, 2011, p. 49)

Muito além de monitorar e fiscalizar o jornalismo, boa parte dos observatórios e projetos de crítica de mídia buscam se aprofundar em debates que contribuem para a consciência crítica da população e da própria imprensa, promovendo assim a reflexão e formação crítica necessárias para a construção da cidadania. Desde então, diversos projetos nasceram, em diferentes ambientes, com esse objetivo.

Buscando categorizar os tipos de observatórios, Rebouças e Cunha (2010) classificam os observatórios de crítica de Mídia em seis categorias: 1) Observatório Fiscal; 2) Observatório *Think Tank*; 3) Fórum de Discussão; 4) Centro de Aglutinação e Difusão de Informações; 5) Espaço para Capacitação e Educação; e 6) Projetos de Movimentos Sociais.

Para os autores, os observatórios impulsionam a comunicação democrática, “seja capacitando profissionais da área ou desenvolvendo a pedagogia crítica junto ao público receptor” (Rebouças & Cunha, 2010, p. 87). Eles definem que cada observatório possui seu objetivo e seu espaço de discussão para atender ao que se propõe. Dessa forma, um mesmo projeto pode ser enquadrado em mais de uma das categorias formuladas.

Um Observatório Fiscal, por exemplo, é apresentado como um espaço articulador da cidadania que tem como objetivo monitorar o funcionamento dos veículos de comunicação, sendo “um espaço para participação e formação do *advocacy*, está ligado à práxis, é mais formal e articulador de propostas; muitas vezes tornam-se institucionalizados através da coparticipação junto a órgãos estatais para a formulação de políticas públicas” (Rebouças & Cunha, 2010, p. 88). Estes grupos podem, inclusive, contar com o apoio do poder público. Dois exemplos de Observatórios Fiscais são: o Observatório Saúde na Mídia⁴ e a ANDI Comunicação e Direitos⁵.

Em outro grupo estão as iniciativas classificadas como Observatório Think Tank. Estas, segundo Rebouças e Cunha (2010), são compreendidas como organismos que colaboram na formação de políticas públicas por meio de suas intervenções e reflexões. Podem ser incluídos nesta categoria o já citado Observatório da Imprensa e o Observatório do Direito à Comunicação⁶.

3. Tradução dos autores: “Os observatórios ajudam a destacar a importância da informação de qualidade para a democracia; a expansão e democratização da esfera pública; participação cidadã na construção de agendas públicas. Em suma, os observatórios fortalecem uma cidadania comunicativa”

4. Disponível em: <<https://www.iciet.fiocruz.br/content/observatorio-saude-na-midia-0>> Acesso em 20 fev. 2022.

5. Disponível em: <<https://andi.org.br/>> Acesso em 20 fev. 2022.

6. Disponível em: <<https://intervezes.org.br/projetos/observatorio/>> Acesso em 20 fev. 2022.

Outra categoria são os observatórios classificados como Espaços para capacitação e educação. Tratam-se de iniciativas destinadas aos profissionais da área, como jornalistas e estudiosos da comunicação, assim como a comunidade a exemplo do Observatório da Mídia⁷ com sede na Universidade Federal do Espírito Santo. Ainda nesta categoria estão os chamados observatórios-laboratórios: espaços para análise e teorias sobre a mídia. A título de exemplo é possível citar o Laboratório de Análises e Acontecimentos - Grislab⁸.

Em outra categoria encontram-se os observatórios identificados como Fóruns de discussão, como o Observatório de Publicidade Expandida⁹, iniciativas que assumem formatos de blogs sobre a mídia. Há ainda os observatórios de centro de aglutinação e difusão de informações, que monitoram a mídia e questões que a perpassam (como mercado, financiamento e legislação), além de difundir informações, à exemplo do Observatório de Inovação e Competitividade¹⁰ da Universidade de São Paulo.

Por fim, os autores apresentam a categoria de observatórios identificada como projetos dentro de movimentos sociais. De acordo com a definição dos autores, este tipo “está ligado à análise de conteúdo com recortes temáticos bem definidos por grupos e movimentos sociais; aqui o observatório não é estrutura, mas prática” (Rebouças & Cunha, 2010, p. 88). Esses observatórios, considerados como Projetos dentro de movimentos sociais, também se inserem no movimento pela democratização da comunicação, um movimento que defende, entre outras coisas, “a participação política e a participação nos meios de comunicação. Ambas as práticas fundam-se na defesa da comunicação como um direito humano” (Rebouças & Cunha, 2010, p. 88). Levando em conta as perspectivas acima, este texto busca, busca compreender como iniciativas que podem caminhar na contramão desses princípios, se utilizam do pretexto de monitoramento de mídia para reforçar uma narrativa de ataque à democracia e à imprensa.

3.1 Observatórios de Projetos dentro de Movimentos Sociais: boas práticas

Observatórios de Projetos integrados a Movimentos Sociais são iniciativas que monitoram como a mídia retrata temas específicos e promovem debates sobre como a imprensa aborda diferentes grupos sociais. São classificados como observatórios de prática, e a observação da mídia, na maioria dos casos, tem o objetivo de fiscalizar e analisar para propor e educar/capacitar para refletir e emancipar.

É o caso, por exemplo, da Agência Patrícia Galvão¹¹, que produz e divulga notícias, pesquisas e conteúdo multimídia sobre os direitos das mulheres. A iniciativa também cumpre um papel fiscalizador e, sobretudo, educativo, ao monitorar como a mídia retrata a mulher. O objetivo, ao final, é promover o debate sobre a violência de gênero. A Agência entende que o jornalismo cumpre um papel-chave na discussão sobre direitos das mulheres, por isso se esforça para construir canais de diálogo com diferentes interlocutores da área da comunicação, com o objetivo de assegurar que a imprensa

7. Disponível em: <<https://observatoriodamidia.ufes.br/observatorio-na-midia>> Acesso em 20 fev. 2022.

8. Disponível em: <<https://grislab.com.br>> Acesso em 20 fev. 2022.

9. Disponível em: <<https://observatorioufrj.wordpress.com/>> Acesso em 20 fev. 2022.

10. Disponível em: <<http://oic.nap.usp.br/projetos>> Acesso em 20 fev. 2022.

11. Disponível em: <<https://agenciapatriciagalvao.org.br/>> Acesso em 20 fev. 2022.

cumpra sua função ao tratar do tema.

Ainda que a proposta do instituto possa ser classificada como Observatório Fiscal ou Espaço para Capacitação e Educação, segundo a categorização de Rebouças e Cunha (2010), as atividades que desenvolve apontam para as características de Projetos dentro de Movimentos Sociais.

A prática da observação da mídia constitui-se de projetos realizados dentro de diversos movimentos sociais na área de gênero, raça, etnia etc. O alcance das observações é diretamente delimitado pelas finalidades subjacentes de cada movimento. Suas intenções política e social também dependem disso. (Rebouças & Cunha, 2010, p. 87)

Ao promover o monitoramento da cobertura midiática sobre um tema, o Instituto Patrícia Galvão afirma ter o objetivo de assegurar que a imprensa cumpra sua função na esfera pública, o que vai ao encontro do papel dos observatórios, quando se entende que são necessários para o fortalecimento da democracia e para o exercício da cidadania.

Contudo, além de Observatórios de Projetos dentro de Movimentos Sociais, nos últimos anos, surgiram no Brasil iniciativas ligadas a movimentos políticos de extrema-direita, com a proposta de fiscalizar o trabalho da imprensa.

4. Observatórios de extrema-direita, o uso retórico dos conceitos clássicos do jornalismo e a desinformação como estratégia

Na contramão dos observatórios que impulsionam a comunicação democrática, nos últimos anos assistimos à ascensão de sites, blogs e canais em mídias sociais que se apresentam como observatórios e monitores da mídia ligados a uma ideologia partidária de extrema-direita. No Brasil, alguns dos mais conhecidos são o *Mídia sem Máscara*¹², *Canal Terça Livre*¹³ e *Te atualizei*¹⁴.

Em suas produções (seja por texto ou vídeo), os autores por trás destes canais se anunciam em papel de críticos de mídia. Observa-se um esforço em questionar a credibilidade e a confiabilidade das informações e ainda a associação dos veículos de comunicação a ideologias de esquerda e militância política. Nas palavras de Pollyana Teixeira e Alberto Filho (2021):

A ascensão da chamada nova direita brasileira como força política nos últimos anos é por vezes encarada como um fenômeno inesperado ou surpreendente. Porém, os partidos e os movimentos brasileiros identificados com a direita radical, também chamada de ultradireita ou direita ultraconservadora, integram um projeto político global, caracterizado por uma disputa hegemônica contra os setores progressistas em diversos países. Trata-se de um projeto em que o debate político é substituído pela chamada guerra de narrativas, em que o principal objetivo é atacar, desqualificar e achincalhar os adversários. (Teixeira & Filho, 2021, p. 183)

12. Disponível em: <<https://midiasemmascara.net/>> Acesso em 20 fev. 2022.

13. Excluído por ordem judicial do Supremo Tribunal Federal. Mais informações em: <<https://www.poder360.com.br/brasil/you-tube-tira-do-ar-canal-do-terca-livre-depois-de-decisao-de-moraes/>> Acesso em 20 fev. 2022.

14. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/Teatualizei/videos>> Acesso em 20 fev. 2022.

Para entendermos melhor o contexto em que os observatórios de mídia alinhados a movimento de extrema-direita se desenvolvem e ganham uma musculatura (um fenômeno até então não acompanhado de forma sistemática), é importante fazer referência à desinformação ou desordem informacional (tradução livre), como preferem nomear Claire Wardle e Hossein Derakhshan (2017). O que se costuma chamar de *fake news* não é algo novo, mas tornou-se uma preocupação adicional na medida em que sua forma de produção e distribuição passou por mudanças significativas, o que pode ser localizado a partir da segunda metade da década passada. Rosemary Segurado (2021) lembra que:

No início dos anos 2000, a internet enchia de esperança o campo progressista por ser uma rede e possibilitar a abertura às vozes sempre silenciadas. Isso de fato ocorreu e abriu brechas para a articulação de indivíduos e grupos que puderam potencializar suas formas de resistência. No entanto, não estavam tão presentes nos debates, influenciado por um tipo de ciberotimismo, que a rede também abriria espaço para o discurso de ódio e desinformação (...). A tendência crescente da rede pela desinformação apresenta métodos e estratégias bastante sofisticados. (Segurado, 2021, p. 54)

Podemos citar exemplos de votações recentes que foram negativamente influenciadas pela desinformação, como o plebiscito do Brexit no Reino Unido, as eleições estadunidenses de 2016 e a eleição brasileira de 2018. Estes foram alguns dos casos que fizeram acender um alerta mundial sobre os efeitos da desinformação e a necessidade de freá-la. Durante a pandemia de Covid-19, a desinformação foi uma importante aliada do negacionismo científico e do movimento antivacina. Ainda não se tem uma dimensão exata do impacto disso na quantidade de óbitos ao redor do mundo, mas alguns estudos preliminares (Segurado, 2021) apontam, por exemplo, para um número maior de infectados e uma maior letalidade entre apoiadores do presidente brasileiro Jair Bolsonaro ou em cidades em que ele foi mais votado nas últimas eleições. Estudos parecidos indicam cenário semelhante nos EUA com relação aos estados que apoiavam o presidente Donald Trump (Wood & Brumfiel, 2021).

Neste contexto, a expressão *fake news* ganhou os noticiários mundo afora e foi hiper disseminada, tendo sido utilizada, inclusive, como tentativa de defesa por quem, não raras vezes, produz esse tipo de conteúdo. Para além do esvaziamento da expressão em seu significado, entende-se que o conceito que dará conta do fenômeno que estamos vivenciando é mais complexo e precisa ser estudado a partir das suas camadas e complexidades. Sendo assim, o conceito de *fake news* passou a ser utilizado com parcimônia (como no título deste artigo) e as tentativas de explicar a desordem informacional que vivemos de forma mais profunda têm nos ajudado a entender melhor o presente. No esforço de organizar o pensamento em torno no emaranhado de formas que a desinformação pode se apresentar, Wardle e Derakhshan (2017) propõem três conceitos: *Mis-information*, *Dis-information* e *Mal-informatio*, que se diferenciam a partir da intencionalidade ou não do dano e da veracidade da notícia. Dessa forma a dupla faz a seguinte sugestão:

*Mis-information is when false information is shared, but no harm is meant. Dis-information is when false information is knowingly shared to cause harm. Mal-information is when genuine information is shared to cause harm, often by moving information designed to stay private into the public sphere*¹⁵. (Wardle & Derakhshan, 2017, p. 5)

15. Tradução dos autores: "Mis-information é quando uma notícia falsa é compartilhada sem intenção de causar dano ou prejuízo"

Essa classificação preliminar, segundo os autores, não pode prescindir de outras duas camadas de análises, que consiste na observação de outros três elementos: o agente (produtor da mensagem), a própria mensagem e o receptor ou intérprete da mensagem. Além disso, é preciso examinar três fases: criação, produção e distribuição das mensagens.

Ainda sobre o termo *fake news*, Wardle e Derakhshan (2017) fazem a seguinte ponderação:

In this report, we refrain from using the term 'fake news' for two reasons. First, it is woefully inadequate to describe the complex phenomena of information pollution. The term has also begun to be appropriated by politicians around the world to describe news organizations whose coverage they find disagreeable. In this way, it's becoming a mechanism by which the powerful can clamp down upon, restrict, undermine and circumvent the free press. (Wardle & Derakhshan, 2017, p. 5)

Cabe destacar que as narrativas acima descritas são estratégias argumentativas comumente utilizadas pelos observatórios de mídia alinhados à extrema-direita, objeto de estudo deste artigo. Portanto, é preciso problematizar aqui o termo *fake news* e esclarecer que ele será empregado quando necessário para nos referirmos a termo muitas vezes utilizado por essas iniciativas. Outra estratégia identificada é a de reivindicar os conceitos clássicos do jornalismo para questionar a credibilidade da imprensa e dar um verniz de confiabilidade ao conteúdo produzido por estes observatórios.

O site *Mídia Sem Máscara*, que trazemos como exemplo para esta análise, utiliza, por exemplo, o espaço de monitoramento de mídia, batizado como *Media Watch*, para difundir e defender ideias de uma ideologia ligada à política partidária de extrema direita, propondo uma leitura de como a mídia deveria retratar a realidade sob a ótica de determinado fato, sem necessariamente assumir um compromisso com a verdade ou apresentação de uma reflexão de pontos antagônicos à discussão proposta.

O curioso, é que os autores das publicações acabam se apropriando e cobrando dos veículos de comunicação a aplicação de conceitos como “equilíbrio”, “objetividade” e “imparcialidade”, e por vezes citam a ausência do contraditório em artigos que prescindem desses elementos. Para além da ironia de não subjugarem o seu próprio trabalho ou de mídias por eles referenciadas aos critérios jornalísticos que eles dizem aplicar em suas análises, não raras vezes a página assume posicionamentos ideológicos e discursos antidemocráticos, muitas vezes de ódio.

O jornalismo se funda sob alguns conceitos clássicos. Entre estes cânones da área estão normas de redação e de conduta que buscam alcançar a objetividade, ou seja, a equidistância na narrativa de um fato. Conforme explica Schudson (2010), a crença na objetividade no âmbito do jornalismo ganha força no começo do século XX, com base na distinção entre fatos e valores, ou seja: a confiança nos “fatos” e uma desconfiança dos “valores”.

Pena (2007) avalia que, antes de criticar a objetividade enquanto um conceito clássico do jornalismo, é preciso interpretá-la corretamente, entendendo que definir a objetividade em oposição à subjetividade, seria um grande erro, pois “ela surge não para negá-la, mas sim por reconhecer sua inevitabilidade” (Pena, 2007, p. 50). Assim, há um reconhecimento, segundo o autor, de que os fatos

dicar alguém; Dis-Information é quando uma informação falsa é intencionalmente compartilhada para causar dano ou prejuízo e Mal-information é quando uma informação genuína, verdadeira é compartilhada de forma descontextualizada com intenção de causar dano, frequentemente informações de cunho privado são inseridas na esfera pública”.

não são neutros, por isso é preciso adotar um método científico para reportá-los. É da busca pela objetividade como método de trabalho que surge a orientação para que todos os lados de uma história sejam ouvidos e reportados pelo jornalista, por exemplo - o que, levado ao extremo, pode resultar em uma supervalorização do jornalismo declaratório em detrimento dos próprios fatos.

Assim, o jornalismo busca na construção do conhecimento científico um método para alcançar o valor de verdade. Como explica Henriques, o método jornalístico: “é uma maneira de se estabelecer um padrão que possa ser reconhecido pelo público como verdadeiro. Verdade pretendida pelos jornalistas, verdade reconhecida por aqueles que consomem seus produto” (Henriques, 2014, p. 133).

Nesse caso, uma linha que pode ser considerada em estudo é como os conceitos clássicos do jornalismo são utilizados para reforçar discursos de ataques à imprensa, aos jornalistas e até à democracia.

4.1. *Mídia Sem Máscara*, extrema-direita e monitoramento

O *Mídia Sem Máscara*, apesar de não se reconhecer publicamente como um observatório de imprensa, acaba por assumir um papel de monitoramento midiático. Segundo informações do próprio site, criado em agosto de 2002, trata-se de um portal de notícias: “*Mídia Sem Máscara* é um website destinado a publicar as ideias e notícias que são sistematicamente escondidas, desprezadas ou distorcidas em virtude do viés esquerdista da grande mídia brasileira”. Na aba “Quem somos”, o escritor Olavo de Carvalho¹⁶ é apresentado como fundador do projeto. Não são publicizadas as formas de financiamento da iniciativa, mas o leitor é convidado a contribuir em uma plataforma online colaborativa. Ainda segundo informações do site, o *Mídia Sem Máscara* não remunera os autores dos artigos publicados.

Há um espaço reservado para análises de coberturas da mídia brasileira e, em alguns casos, da mídia estadunidense. O chamado “*Media Watch*”, é a seção em que os autores tecem análises críticas sobre como os veículos de comunicação do país cobrem temas ligados ao cenário da política nacional e internacional.

Buscaremos mostrar aqui alguns exemplos que apontam para aspectos do texto que tanto corroboram com a ideia de que se trata de um observatório de mídia quanto como fazem uso distorcido e dos critérios clássicos do jornalismo para ilustrar análises que não se pautam por tais critérios. Ainda dentro dos exemplos buscaremos demonstrar como o *Mídia Sem Máscara* funciona como um porta-voz do movimento extrema-direita bem como, em alguns momentos, contribuem com a disseminação de desinformação e de discursos autoritários.

A) Ataque às instituições democráticas e defesa do governo Bolsonaro

No texto, “STF e a velha mídia: A balança da Justiça no Inmetro”, Puggina (2022)¹⁷ se propõe a fazer uma análise de como a imprensa brasileira tem noticiado as pautas relacionadas ao Supremo Tribunal Federal e ao presidente Jair Bolsonaro. O autor enumera coberturas chamadas de “Tiranias da mídia”.

16. Filósofo autoproclamado, era considerado guru do governo do presidente Jair Bolsonaro e um dos representantes do conservadorismo no Brasil. Em seus cursos difundia ideias ligadas à extrema-direita.

17. Disponível em: <<https://midiasemmascara.net/stf-midia-no-inmetro/>> Acesso em 20 fev. 2022.

São elas: “CPI da Covid”, “Denúncias envolvendo a Covaxin” e a “Demissão do ex-ministro da Justiça e Segurança Pública, Sérgio Moro”. Neste último caso em particular, Puggina sustenta que a mídia tratou o episódio com sensacionalismo, à medida que “O factóide se dissolveu no ar. O que restou para a cozinha das redações, que esperava servir filé mignon no noticiário, foi desfiar carne de peixe”. Para Puggina, grandes grupos de comunicação atuam como “jornalismo militante” e o autor defende que o STF e a mídia no Brasil são aliados, pois “Nem o balé Bolshoi consegue montar uma cenografia tão perfeita e coordenar seus elementos tão sincronicamente quanto o conjunto formado pela militância do STF e o mau jornalismo dos grandes grupos de comunicação. Funcionam tão bem que já há quem fale em união estável” (Puggina, 2022).

B) Discurso de ódio contra jornalistas e preconceito

Na análise, “Discorde do establishment e seja caçado pelo STF e pela mídia: notas rápidas”¹⁸, Castro (2021) analisa como a imprensa brasileira noticiou a iniciativa do deputado estadual Cairo Salim (PROS-GO) de apresentar um projeto de lei para proibir atletas transexuais de participarem de competições esportivas no estado de Goiás. A autora, que abertamente discorda da participação de atletas trans, afirma que a imprensa se posicionou a favor da “ideologia de gênero”, e conclui que a imprensa é comunista: “Jornalismo brasileiro virou hoje nada mais do que um panfleto comunista e serve como uma espécie de ‘Ministério da Verdade’, de 1984, o livro de George Orwell, que mostra uma sociedade socialista totalmente controlada” (Castro, 2021).

Em outro caso, na publicação intitulada “Amanda Klein, palhaços do UOL e a mídia-fiasco: notas rápidas”¹⁹, o autor identificado como “Editoria MSM” (2021), se propõe a analisar a atuação da jornalista Amanda Klein no programa *Opinião no Ar*, da *Rede TV*. O texto faz uma série de ofensas à apresentadora.

Amanda não é um ponto fora da curva, em termos de despreparo, prepotência, superficialidade intelectual e subserviência bovina ao consenso midiático [ênfase adicionada], quando bem observado o perfil médio dos jornalistas. Pelo contrário: iguais a ela, são dezenas, centenas, de profissionais de comunicação em atividade na grande imprensa brasileira. (Editoria MSM, 2021)

Nesta avaliação, os profissionais do jornalismo são chamados de “não confiáveis” e “indignos de confiança”. O autor lista ainda alguns colunistas do portal UOL como Josias de Souza²⁰, Ricardo Kotscho²¹, Chico Barney²² e Reinaldo Polito²³ como responsáveis pelo que o autor chama de “derrocada do jornalismo”. A análise finaliza, “E tudo o que há de melhor e está bem consolidado no bom senso e na visão de mundo da maioria dos brasileiros, a grande mídia odeia e quer ver destruído, desmoralizado, ou invertido”.

18. Disponível em: <<https://midiasemmascara.net/discorde-estblshmt-stf/>> Acesso em 20 fev. 2022.

19. Disponível em: <<https://midiasemmascara.net/amanda-klein-palhaços-do-uol-e-a-midia-fiasco-notas-rapidas/>> Acesso em 20 fev. 2022.

20. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/colunas/josias-de-souza/>> Acesso em 20 fev. 2022.

21. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/colunas/balaio-do-kotscho/>> Acesso em 20 fev. 2022.

22. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/splash/colunas/chico-barney/>> Acesso em 20 fev. 2022.

23. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/colunas/reinaldo-polito/>> Acesso em 20 fev. 2022.

C) Negacionismo científico e defesa das atitudes negacionistas do Governo Bolsonaro

No texto “Bolsonaro, Covid-19 e as trapaças da mídia militante”²⁴, Puggina (2021) defende que a mídia no Brasil é militante e age como se só houvesse um lado da notícia, o que ataca o governo:

Aqui no Brasil, há dois anos, as notícias que servem nunca são boas ao governo. Estas vêm por e-mail ou em pequenos vídeos nas redes sociais. Na imagem diariamente transmitida em editoriais, colunistas selecionados, noticiários de TV e comentaristas cevados na casa ou convidados, o governo é formado por um grupo de malfeitores. (Puggina, 2021)

Puggina segue em uma análise da cobertura jornalística sobre a pandemia da Covid-19 e afirma que a mídia não tem sido objetiva ao tratar desta pauta. “Todo o noticiário cotidiano sobre o assunto tem por objetivo culpar o governo federal e pessoalmente o presidente da República pelas mortes causadas por uma doença que mata no mundo inteiro” (Puggina, 2021). Ainda segundo o autor, a mídia usa palavras como genocídio e genocida para prejudicar o presidente Jair Bolsonaro: “São diariamente proferidas nos meios de comunicação e passaram a integrar o vocabulário político da esquerda mundial, disciplinadamente aplicada a nosso país e ao seu governo” (Puggina, 2021). Ele argumenta ainda que outros países estariam combatendo a pandemia com resultados piores, o que tem sido ignorado deliberadamente pela imprensa nacional: “Malícia, de politicagem, de interesses individuais e empresariais está presente nessas matérias desmentidas pela objetividade dos números” (Puggina, 2021).

A seguinte análise é sobre o texto “Covid-19: Terror midiático e boicote à prevenção eleva número de mortes e internações”²⁵. Nele, o autor Derosa (2021) inicia sua análise afirmando que a mídia no Brasil tem adotado uma postura “negacionista” diante da cobertura da crise sanitária em Manaus, que matou dezenas de pessoas por falta de oxigênio²⁶. O autor critica a postura da imprensa em destacar que os medicamentos contra à Covid-19 não possuem eficácia cientificamente comprovada:

Não são poucos os médicos que relacionam a conduta negacionista da grande mídia e de parte de entidades médicas sobre o tratamento precoce com a alta de internações em hospitais. Apesar de uma cobertura sensacionalista que oferece o medo como única solução para conter a doença, negar a existência de tratamentos que demonstram grande êxito no tratamento da gripe do Covid-19 é uma forma cruel de minimizar a doença [ênfase adicionada]. (Derosa, 2021)

Em sua interpretação, o autor argumenta que os grandes jornais buscam “emplacar” a narrativa, fazendo-a passar por uma verdade: “A reação cínica dos jornais mostra que a sua atividade de mentir não os envergonha. Nem mesmo a contradição de sua postura sobre o tratamento precoce os causa algum transtorno” (Derosa, 2021). O autor acusa a mídia de tratar o tema de forma sensacionalista com o objetivo de criar pânico. “Sensacionalismo da mídia é apenas o elemento externo do objetivo

24. Disponível em: <<https://midiasemmascara.net/bolsonaro-covid-19-e-o-jogo-midiatico/>> Acesso em 20 fev. 2022.

25. Disponível em :<<https://midiasemmascara.net/covid-19-terror-midiatico-e-boicote-a-prevencao-eleva-numero-de-mortes-e-internacoes/>> Acesso em 20 fev. 2022.

26. Disponível em: <<https://radis.ensp.fiocruz.br/index.php/home/reportagem/amazonia-sem-respirar>> Acesso em 20 fev. 2022.

de manter o pânico para implementar transformações sociais que atendem a interesses do conjunto dos grupos econômicos dominantes” (Derosa 2021).

D) O papel de “observatório” e a distorção dos critérios clássicos do jornalismo

Em outro artigo, intitulado “O mundo infernal do ‘jornalismo moderno’”²⁷, Davidson (2021) defende que mais de 90% dos veículos de comunicação nos Estados Unidos são ligados a partidos políticos de esquerda. “O jornalismo, tal como praticado hoje em mais de 90% de todos os meios de comunicação, é na verdade jornalismo de defesa dos pontos de vista esquerdistas” (Davidson, 2021). O autor argumenta que há falta de objetividade nas matérias jornalísticas e defende que os profissionais de imprensa são hipócritas e escrevem “mentiras e calúnias”, relatando que a maioria dos “jornalistas” são servos contratados da mentalidade de esquerda, que nunca rompem com algum sucesso, a menos que decidam jogar tudo no lixo e entrar em alguma outra profissão” (Davidson, 2021).

Na publicação “Punidos por fake news: após caso Folha/Hang, UOL também é condenado”, (2020) a análise foi assinada pela própria editoria do site, a “Editoria MSM”. O texto acusa o portal de notícias UOL de falsificar e manipular informações em uma reportagem sobre dados de mortes por homofobia em 2019. O autor coloca a palavra homofobia em aspas, sugerindo desacreditar que a prática existe.

Dados sobre mortes por ‘homofobia’ publicada pelo UOL, em 2019, que levou muitos leitores a protestar diante da gravidade das manipulações e da subserviência do portal às pautas de grupos de pressão esquerdistas que contam com amplo apoio de organismos internacionais como a ONU e ONG’s financiadas por mega-trustes empresariais. (Editoria MSM, 2020)

O texto afirma ainda que o portal publica com frequência e “comprovadamente” *fake news* e conclui criticando o trabalho de agências de *fact-checking*, como a Agência Lupa²⁸.

No artigo “Coronavírus e mídia: na frontpage do UOL, tudo para assustar o leitor”²⁹, o autor identificado como “Editoria MSM” (2020), se propõe a analisar uma notícia do portal de notícias UOL. O texto se concentra em afirmar que o site utiliza de palavras como “Pandemia” em manchetes para causar o que classifica de “Alarmismo midiático”. O autor defende ainda que a postura do UOL é “Negacionista”. Ele argumenta que a construção da notícia é feita para criar pânico. “Logo abaixo da manchete, destaque para o número de óbitos do Covid-19 no país e os novos recordes de alguma região”. (Editoria MSM, 2020).

No texto, “Covid-19: as mentiras da mídia num país de muitas doenças”³⁰ Puggina (2020) avalia que a mídia no Brasil não abre espaço para o contraditório. Fazendo considerações sobre como a imprensa nacional noticia a pandemia de Covid-19, o autor sustenta que a imprensa ignora o “tratamento precoce para Covid” e atua de forma ideológica e partidária nesta pauta “para que sejam

27. Disponível em: <<https://midiasemmascara.net/o-mundo-infernal-do-jornalismo-moderno/>> Acesso em 20 fev. 2022.

28. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/>> Acesso em 20 fev. 2022.

29. Disponível em: <<https://midiasemmascara.net/coronavirus-e-midia-na-frontpage-do-uol-tudo-para-assustar-o-leitor/>> Acesso em 20 fev. 2022.

30. Disponível em: <https://midiasemmascara.net/covid-19-as-mentiras-da-midia-num-pais-de-muitas-doencas/>> Acesso em 20 fev. 2022

registrados como lhes convenha”, afirma. “Ninguém fala na desatenção ao tratamento precoce, este sim, de reconhecidos bons resultados e ainda hoje relegado por disputas ideológicas em torno dos medicamentos para essa finalidade (...) Ninguém queria ouvir a divergência” (Puggina, 2020).

Na publicação “Cristofobia midiática: negacionismo sistêmico deixa o fenômeno ainda mais óbvio”³¹, cuja autoria é novamente identificada como “Editoria MSM” (2020), o texto se dedica a uma análise como jornais e websites como Metrôpoles³² e UOL³³ cobriram o assassinato de três pessoas na basílica de Notre-Dame em Nice, na França. O autor acusa os sites de notícias de propagar ódio por cristãos:

De forma inegável por ódio anticristão, jornais e websites como Metrôpoles e UOL, entre outros, tentaram negar a natureza anticristã do crime e politizaram a declaração do presidente Jair Bolsonaro, que dirigiu palavras de solidariedade à família da brasileira que estava entre as vítimas. (Editoria MSM, 2020)

O autor ainda critica que no portal UOL a palavra cristofobia apareceu entre aspas no texto. No entendimento dele: “Na tentativa de criar uma narrativa negacionista, afirmou-se que cristofobia seria um termo ideológico” (Editoria MSM, 2020).

Buscamos categorizar os textos a partir de algumas características que denotam o perfil do *Mídia Sem Máscaras*, contudo, como pode ser visto, muitas vezes, em um único texto podem ser identificados inúmeros elementos formadores do perfil do site que, por sua vez, corroboram com as hipóteses iniciais que nos trouxeram a esta análise. Nos textos apresentados percebemos que os autores questionam critérios utilizados em coberturas jornalísticas se utilizando de forma superficial dos conceitos clássicos do jornalismo. Esses questionamentos aparecem em meio a frases como “mídia esquerdista”, “tirania da mídia de esquerda”, “jornalismo militante”, “politização da interpretação dos fatos”, “derrocada moral do jornalismo” e “alarmismo midiático”, que, por sua vez, nos ajudam a identificar os atores em questão com os discursos presentes nos movimentos de extrema-direita que despontaram no Brasil e no mundo na última década. Observa-se ainda que os autores direcionam suas críticas aos profissionais da imprensa e não raras vezes através do discurso de ódio. Os ataques pessoais objetivam a desqualificação dos jornalistas, expressões como “indignos de confiança”, “velho lacaio de Lula”, “maconheirada da elite globalista”, “analfabeto funcional”, “bovina” e “imbecil” ilustram e compõem as análises. Além do cenário político do país e, por vezes, do contexto internacional, temas como movimento anti-vacina, pandemia, homofobia e racismo ganham espaço nessas narrativas. Vale ainda ressaltar o uso dos termos *fake news* e negacionismo como estratégia discursiva para legitimar suas análises numa linha semelhante ao que é feito com os conceitos clássicos do jornalismo.

31. Disponível em: <<https://midiasemmascara.net/cristofobia-midiatica-negacionismo-sistemico-deixa-o-fenomeno-ainda-mais-obvio/>> Acesso em 20 fev. 2022.

32. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/bolsonaro-usa-atentado-na-franca-para-defender-discurso-sobre-cristofobia>> Acesso em 20 fev. 2022.

33. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2020/10/30/bolsonaro-ataque-nice-cristofobia.htm>> Acesso em 20 fev. 2022.

5. Conclusão

Diante dos diferentes tipos de projetos e observatórios de crítica de mídia no país, aprofundar o estudo sobre os discursos e em quais conceitos se baseiam suas respectivas análises, se torna uma necessidade no campo da comunicação. O olhar atento para esses temas é ainda mais necessário porque atravessamos uma era turbulenta de propagação de desinformação, ataques à imprensa e a própria democracia.

Ao longo deste artigo, foi apresentado como diferentes tipos de observatórios e espaços na imprensa atuam. Se entendemos que os observatórios e projetos de crítica de mídia cumprem um papel importante na sociedade, não é possível admitir que esses espaços sejam usados para disseminação de desinformação e ameaças à imprensa e à democracia, sob a justificativa de emitirem uma análise midiática.

Diante do papel que cumpre os observatórios de crítica de mídia e a própria imprensa, o cuidado deve ser ainda maior quando são análises e opiniões que podem colocar em risco, por exemplo, a saúde pública.

Nesse contexto, é preciso avaliar espaços que se propõem a analisar os conteúdos da mídia de uma perspectiva de discursos negacionistas, que trazem em seus canais a disseminação de notícias falsas, sejam estas relacionadas ao campo da ciência ou qualquer outro tema. Em suma, não há como apresentar dois lados quando a pauta coloca em risco a saúde pública. Não há como se falar em equilíbrio na notícia, quando o tema ameaça o jornalismo e o estado democrático de direito. A imprensa, muito além de fidelidade a conceitos que devem ser enfrentados, como imparcialidade, objetividade e neutralidade, ela tem compromisso com a verdade, com os direitos humanos, com a democracia.

Mesmo que a liberdade de imprensa esteja intimamente ligada à liberdade de expressão e ainda que a Constituição Federal garanta o direito a várias opiniões e ideologias, que podem ser manifestadas e discutidas para a formação do pensamento, esse direito não pode ser confundido com apologia a crimes. Essa confusão do que é liberdade de expressão, censura e crime é trazida à tona sempre que surgem polêmicas, geralmente levantadas por grupos extremistas, que propositalmente querem confundir a opinião pública.

É tempo de reforçar o papel da imprensa como pilar para a manutenção do nosso regime democrático. Uma imprensa livre e plural sim, mas comprometida com a ética, com a cidadania, os direitos humanos e demais valores democráticos. O jornalismo deve ter um lado quando a saúde pública e as instituições democráticas estiverem em xeque, ainda que exista todo um debate sobre qual democracia os meios defendem e o que se entende por democracia. Não existe o “outro lado”, quando a notícia é falsa. O único lado possível nesses casos é aquele que desmente as *fakes news*. E, se para isso, for preciso escolher um lado, a imprensa como vocação já deve saber qual o lado escolher.

Sabemos dos limites da democracia que vivemos, sabemos inclusive dos limites da nossa esfera pública, ainda pouco plural e diversa, contudo os avanços da nossa imatura democracia passam pela reafirmação de valores caros ao sistema em questão e não o contrário. O direito à informação e, de forma mais ampla, o direito à comunicação são partes essenciais da democracia e, portanto, o combate à desinformação sistemática hoje é parte também dessa construção. A pluralidade e diversidade de

vozes e atores nos meios de comunicação deve ter como princípio os limites da democracia.

Todos os casos citados estimulam a reflexão sobre a importância de aprofundar os estudos sobre os canais e espaços de monitoramento de mídia. Assim como a imprensa, eles são fundamentais para o amadurecimento democrático, desde que, mais uma vez, com valores compatíveis com o sistema. Fundamental entender ainda como os observatórios e projetos de crítica de mídia são instrumentos necessários ao Estado democrático de direito e ao exercício da cidadania.

É preciso se manter alerta em relação aos discursos sistematicamente difundidos pela extrema-direita a título de crítica de mídia, para compreender as narrativas apresentadas e refutar a disseminação de notícias falsas com fins de desinformar a população. É mister enfrentarmos o debate sobre a regulação das plataformas pois, sem isso, o combate à desinformação torna-se impossível.

Referências

- Albornoz, L. A. & Herschmann, M. (2006). Os observatórios ibero-americanos de informação, comunicação e cultura: balanço de uma breve trajetória. *E-Compós*, 7(3), 1-20. <https://bit.ly/3YhZHC>
- BARRETO, I. (2020, 24 de setembro) Mesa Redonda: Observatórios de mídia: crítica, educação e cidadania. Youtube. <https://bit.ly/3t1pzVK>
- Bittencourt, W. C., & Silva, G. (2015). Apontamentos históricos sobre crítica noticiosa. *Novos Olhares*, 4(2), 6-18. <https://bit.ly/3aA69RH>
- Castro, P. (2021, 18 de outubro). Discorde do establishment e seja caçado pelo STF e pela mídia: notas rápidas. *Mídia Sem Máscara*. <https://bit.ly/3wZf7jS>
- Christofolletti, R. (2006). Observatorio de medios: un caso brasileño. *Revista Latinoamericana Comunicación Chasqui*, 95, 40-45. <https://bit.ly/38REJ9n>
- Davidson, J. (2021, 4 de janeiro). O mundo infernal do “jornalismo moderno”. *Mídia Sem Máscara*. <https://bit.ly/3Yd49A>
- Derosa, C. (2021, 27 de janeiro). Covid-19: Terror midiático e boicote à prevenção eleva número de mortes e internações. *Mídia Sem Máscara*. <https://bit.ly/3GvQPkN>
- Duarte, M. Y. M. (2012). Estudo de caso. In J. Duarte & A. Barros. (orgs), *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. Atlas.
- Editoria MSM. (2021, 7 de fevereiro). Amanda Klein, palhaços do UOL e a mídia-fiasco: notas rápidas. *Mídia Sem Máscara*. <https://bit.ly/3NKuUIZ>
- Editoria MSM. (2020, 17 de dezembro). Punidos por fake news: após caso Folha/Hang, UOL também é condenado. *Mídia Sem Máscara*. <https://bit.ly/3wXs9o9>
- Editoria MSM. (2020, 6 de novembro). Cristofobia midiática: negacionismo sistêmico deixa o fenômeno ainda mais óbvio. *Mídia Sem Máscara*. <https://bit.ly/3Ni5DpX>
- Editoria MSM. (2020, 16 de julho). Coronavírus e mídia: na frontpage do UOL, tudo para assustar o leitor. *Mídia Sem Máscara*. <https://bit.ly/3wW34CM>
- Henriques, R. P. (2014). *Linguagem, verdade e conhecimento*. EDUFES.

- Montúfar F. C. (2011). Observatorios: fortalecimiento de la libertad de expresión y reivindicación del derecho a la crítica. *Revista Latinoamericana Comunicación Chasqui*, 116, 48 -54.
- Paulino, F. O., Oliveira, M. & Faria, Jairo. (2017) Ombudsmen e observatórios de mídia: proximidades e diversidades. *Revista internacional de Comunicación y Desarrollo*, 6, 69-81, ISSN e2386-3730.
<https://bit.ly/3m2zKWO>
- Pena. F. (2007). *Teorias do jornalismo*. Contexto.
- Puggina, P. (2022, 22 de fevereiro). STF e a velha mídia: A balança da Justiça no Inmetro. *Mídia Sem Máscara*.
<https://bit.ly/3aA730x>
- Puggina, P. (2021, 29 de janeiro). Bolsonaro, Covid-19 e as trapaças da mídia militante. *Mídia Sem Máscara*.
<https://bit.ly/3wYQXGg>
- Puggina, P. (2020, 18 de agosto). Covid-19: as mentiras da mídia num país de muitas doenças. *Mídia Sem Máscara*. <https://bit.ly/3z4UtjZ>
- Rebouças, E., & Cunha P. (2010). Observatório de mídia como instrumentos para (da) democracia. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, 4(4), 85-93. <https://bit.ly/3N4duaq>
- Schudson, M. (2010). *Descobrimos a notícia: uma história social dos jornais nos Estados Unidos*. Vozes.
- Segurado, R. (2021). *Desinformação e democracia: a guerra contra as fake news na internet*. Hedra.
- Teixeira, P.F., & Filho, A.F. (2021). O <<efeito mola>> e a desinformação. In Segurado, R., Silveira, S. A., & Penteado. (org). *Ativismo Digital. Política e cultura na era das redes*.
- Wardle, C., & Derakhshan, H. (2017). *Information Disorder: toward an interdisciplinary framework for research and policy making*. Council of Europe.
- Wood, D., & Brumfiel, G. (2021, 5 de dezembro). Pro-Trump counties now have far higher COVID death rates. Misinformation is to blame. *NPR*. <https://n.pr/3LVLp3v>

Semblanza de los autores

Fernando Oliveira Paulino es profesor de la Universidad de Brasilia (UnB), investigador y coordinador del Laboratorio de Políticas de Comunicación (LaPCom) y del Proyecto Comunicación Comunitaria y Ciudadanía, presidente de la Federación Brasileña de Asociaciones Científicas y Académicas de la Comunicación (SOCICOM), vicepresidente de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIIC) y uno de los fundadores y miembro de la Junta Directiva de la Organización Interamericana de Defensoras y Defensores de las Audiencias. Fue Oidor Adjunto de las Rádios Públicas la Empresa Brasil de Comunicación (2008-9), uno de los fundadores y coordinador del Grupo de Trabajo "Ética, Libertad de Expresión y Derecho a la Comunicación" de ALAIIC (2012-2020), Decano de la Facultad de Comunicación de la UnB (2015-19) y profesor visitante en la TU Dortmund, Alemania (2020-21).

Mariana Martins de Carvalho es doctora en Comunicación por la Universidad de Brasilia (UnB). Con maestría en comunicación y graduación en periodismo por la Universidad Federal de Pernambuco (UFPE). Actualmente coordina la investigación Protección de Datos Personales en un Servicio de Salud Digital (Fiocruz), es investigadora del Laboratorio de Políticas de Comunicación (LaPCom/UnB) y gestora en Comunicación Pública de la Empresa Brasil de Comunicación. Desarrolla investigaciones sobre comunicación pública, comunicación y democracia, derecho a la comunicación y libertad de expresión, protección de datos personales y regulación de medios.

Luma Poletti Dutra cursó la Maestría y Doctorado en Comunicación por la Universidad de Brasília. Profesora voluntaria de la Facultad de Comunicación de la UnB e investigadora del Laboratorio de Políticas de Comunicación (LaPCom/UnB). Desarrolla investigaciones sobre transparencia, derecho de acceso a la información pública y comunicación pública.

Kariane Costa es periodista en la Rádio Nacional de la Empresa Brasil de Comunicação y estudiante especial del Programa de Posgraduación en la Facultad de Comunicación Social - Maestría- de la Universidad de Brasília. Miembro en representación de los empleados en la Junta Directiva de Empresa Brasil de Comunicação. Periodista con más de 18 años de experiencia profesional. Inició sus estudios y actividades profesionales en Quito (Ecuador), hoy es reportera de política del Congreso Nacional y Corresponsal internacional. Fue Finalista del premio Vladimir Herzog - 40ª edición, con el reportaje: "El pueblo venezolano y la crisis".